

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR



ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes.	5600 "
Para o Brazil, por anno.	2\$000 "
Para a Africa, por anno.	1\$200 "
Numero avulso.	30 "

Anunciam-se as obras das quaes se receba 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

EDITOR—Manuel Luiz.

Officina de impressão e Administração—RUA DA TORRE

PUBLICAÇÕES

Anuncios—cada linha.	40 réis
Repetições	20 "
Imposto do sello.	10 "

Originacs sejam ou não publicados não se restituem. Anuncios permanentes e communicados preço convencionado.

Com a devida venia, transcrevemos do importante jornal *A Folha*, o artigo seguinte, que pela sua importancia não carece de commentarios:

ESPERANÇAS

Parece que a opinião acorda e o sr. Hintze se vê collocado em desgraçada situação. Começa de levantar-se em todo o paiz uma corrente formidavel de protestos, que difficilmente poderão ser desprezados, a não ser que proposito firme do governo seja hastear a bandeira de perigosas discordias antes que subordinar-se ás exigencias da occasião, parando por instantes na vertente dos desperdicios.

O ultimo gabinete do sr. Hintze Ribeiro consegue ficar assignalado na historia da nossa administração publica como um ferrete indelevel de vergonha e de ruina. Marca o periodo mais nefasto da nossa politica—nodoa negra que não conseguiria jámais lavar-se com a mais dura penitencia, se o arrependimento pudesse ainda entrar nas almas de tal modo polluidas pela infamia do mais vil procedimento.

Tres annos são passados na mais completa bambochata de que ha memoria. Toda a afilhagem saiu do recanto ignorado da sua nullidade para apparecer á ribalta, apregoando convicções mentirosas e fementidas dedicações, e toda ella se viu subitamente collocada em melhores ou peiores logares á mesa do magro orçamento, recebendo assim a paga da sua muita villeza e do impudente descaro, que até aqui era apenas apanagio da discordia desprezível.

Sobre esta terra que se afunda figura-se-nos pairar a sombra pavorosa e tragica d'um vingador omnipotente clamando contra todos nós, innocentes e culpados, pragas irresistiveis de assoladoras desgraças. Commissarios regios, inspectores, sub-inspectores, um cortejo infundavel de funcio-

narios de toda a cathegoria, de todas as especies e de todos os feitos, desabou sobre os cofres publicos com aterradora voracidade, cobrindo o sol, escurecendo o dia da nossa vida, ainda mais negra e mais densa nuvem que a dos gafanhotos que a Biblia diz terem devorado até á ultima restolha as ridentes cearas do Egypto.

Foi preciso crear novas receitas, arrancar da miseria as ultimas virtualhas para encher tantos milhares de ventres esfomeados. Lançou-se mão dos ultimos recursos, até a honra da patria foi votada ao sacrificio e offerecida em holocausto ao ulular das alcateias.

Para cumulo se tenta attingir agora a pobreza irremediavel, sugando ainda as derradeiras gottas. A isso tendem as propostas de fazenda apresentadas. E' o ultimo impudor. Parece porém, dissemos que a opinião se revolta, farta de soffrer tanta baixeza e tamanha oppressão.

E assim é que as associações commerciaes de Lisboa e Porto se preparam para dirigir um movimento sério de reacção, pondo termo desejado á vertigem de desbarato que se apoderou dos homens do governo.

Seja essa a nossa esperança de alguns dias já que só de esperança nos é dado viver.

Balles no Club

Estiveram muito animados os balles que tiveram logar no *Club-Figueiroense*, nas noites de domingo gordo e terça feira de entrudo, para familias de socios e seus convidados, a convite da respectiva direcção, sendo muito concorridos.

A sala de baile estava vistosamente illuminada e ornamentada com plantas, umas com flores naturaes e outras artificiaes, que com as magnificas *toilettes* de costumes, das damas e creanças, produziam um effeito imponente.

Ali se viam diversas *toilettes* de variados costumes, tanto na primeira como na segunda noite.

Muito contribuíram para que taes diversões corressem tão animadas, sete academicos que a convite do sr. Elysio Nunes de Carvalho Noronha,

aqui vieram passar os ultimos dias de carnaval, hospedando-os em sua casa, os srs.: Mario Henriques da Silva, 2.º anno de direito; Cesar Augusto Freire d'Andrade Rego, 3.º anno medico; Alberto Marques, 4.º anno de direito; Falcão Garcia, 2.º anno de direito; Antonio Coelho, agronomo; Alfredo Marques Coelho, preparatorios; e Frederico Simões, 1.º anno de mathematica.

Na noite de domingo gordo recitaram com muita correcção algumas poesias, e o sr. Alfredo Marques, que se pôde dizer que é um maestro consumado, tocando diversos instrumentos, executou em guitarra algumas peças de musica com extraordinaria execução e muito mimo.

Retirou para Santa Catharina da Serra, concelho de Leiria, aonde ha tempos foi collocado como parochio, o sr. Joaquim Gonçalves Ferreira das Neves, que com muito zelo exerceu igual logar na freguezia da Graça, do concelho de Pedrogão Grande, muito a contento dos seus parochianos, de quem captou as sympathias.

O Rabbi da Galiléa

Está publicado o primeiro tomo do sensacional romance *O Rabbi da Galiléa*, original de Augusto de Lacerda, compondo-se das cinco primeiras cadernetas, com magnificas illustrações de Manoel de Macedo e Roque Gameiro.

Os creditos de que vinha precedido o notavel romance portuguez baseado na *Vida de Jesus*, são já brilhantemente confirmados n'este primeiro tomo, em que a época, os costumes, o enredo e a grande abundancia de notas elucidativas prendem o espirito do leitor n'um interesse sempre crescente.

Começa o romance por uma violenta revolta em Jerusalem, no tempo de Herodes o Grande, e por uma mysteriosa trama de amor que se prende áquelle facto historico.

O vulto do grande rei; as intrigas politicas e religiosas; a sorte dos principaes instigadores da revolta; as astucias de que se serve o cortejo Gue-mellos para salvar da morte o revolucionario Jonathan; a paixão d'este por Glaphyra, nora do rei; o sentimento de vingança que ella nutre pelo assassino do marido; os accessorios com que concorrem no enredo outros personagens secundarios, mas que se impõem pelo bem traçado dos caracteres—constituem o formoso quadro apresentado n'este primeiro tomo que logo deixa affirmadas as excellentes qualidades do romance.

Perfeitamente justificado é portanto o exito da obra, que recomendamos aos nossos leitores como uma das mais interessantes sob todos os pontos de vista, e cuja edição é devida á Antiga Casa Bertrand do sr. José Bastos, em Lisboa.

O Carnaval

O carnaval nas ruas, correu aqui, apesar do tempo primaveril que tivemos, bastante sensaborão.

Algumas mascaradas no domingo gordo, das quaes uma se destacou, e tudo o mais á proporção das partidas dos anteriores annos e das terras pequenas.

Um grupo de estudantes da Universidade, que aqui vieram a convite do sr. Elysio Nunes de Carvalho Noronha, com outros d'aqui, percorreram em trem, durante algumas horas, na segunda feira, de tarde, as ruas da villa, sustentando em alguns pontos um forte tiroteio de tremoços. Na terça feira percorreram as ruas, tambem de trem, tocando guitarra e cantando.

Foram poucos os bailes em casas particulares.

Bibliotheca gratuita

Sob este mesmo titulo, iniciou a Editora uma propaganda duplamente sympathica, porquanto facilitando ao publico a acquisição de varias obras de reconhecido valor e interesse como, por exemplo, o *Orlando Furioso*, a *Astronomia popular*, de Flammarion, o *Album de Costumes Portuguezes* e a *Historia das Toiradas*, offerece aos seus assignantes, sem os obrigar ao menor dispendio, uma numerosa lista de edições, em que elles poderão escolher livremente aquellas a que derem preferencia, e cujo preço não exceda o dobro da importancia desembolçada com a assignatura de qualquer das obras acima especificadas.

Accresce ainda a circumstancia, não menos importante, de estarem as referidas obras concluidas, e de se ter já manifestado a respeito d'ellas toda a imprensa do paiz, circumstancia que se dá tambem com todas as outras que a Editora offerece gratuitamente e cujo catalogo consta dos prospectos d'esta attraente propaganda, a qual tem despertado o mais vivo interesse em todas as classes sociaes.

Aconselhamos aos estudiosos e bem assim a todas as pessoas que desejem possuir uma boa bibliotheca variada e ao alcance de todas as intelligencias, que leiam attentamente os prospectos que «A Editora» tem feito distribuir pelos domicilios, pois estamos certos reconhecerão as singulares vantagens que lhes offerece a nova assignatura d'aquellas magnificas obras, a qual aliás não soffren o menor augmento de preço.

Nos escriptorios d'A Editora, largo do Donde Barão, prestam-se os necessarios esclarecimentos.

CASTANHEIRA DE PERA

Chronica d'um Belzebuth

V

Continuando a referir os graves prejuizos que Belzebuth tem causado á industria da Ribeira de Pera, chega-se facilmente á conclusão de que foi elle uma verdadeira praga pestilenta, que desde ha quatro annos aqui vae produzindo os seus effectos maleficos.

Este Nero de nova especie quiz perder a Ribeira de Pera pela fome. Não contente com os prejuizos que infligia aos fabricantes e ao operariado d'esta região, com o facto de ordenar que a fabrica do Rapus fiasse de preferencia lãs de fóra, tentou um outro plano muito proprio da sua p'ssão, que consistia em impedir que os industriaes tivessem onde ultimar as suas fazendas.

Em virtude da fallencia do sr. João Alves Behianno foi encerrada a fabrica dos Esconhaes, em que era ultimada a maior parte d'essas fazendas.

O administrador da massa fallida, como por lei lhe era facultado, mandou abrir a fabrica em Junho de 1901, chamando assim para o espolio da massa grande proveito e prestando a todas as classes optimos serviços. Mas como tudo quanto seja progresso, principalmente se este envolver a ideia de sentimentos generosos, incommoda Belzebuth, este derrancado não via com bons olhos a abertura da referida fabrica. Faltava-lhe pretexto para conseguir o seu criminoso fim; mas, como para fazer mal nunca faltam pretextos, brevemente veio a encontral-o, embora de todos o mais innocente.

No dia primeiro de Janeiro de 1902 vendia-se em hasta publica a sexta parte das fabricas dos Esconhaes. No uso d'um legitimo direito fui compral-a, mesmo porque era meu desejo fazer acquisição d'ella toda, entre outros motivos, para vér se tinha a satisfação d'aquelle estabelecimento continuar na familia.

O prevertido Baeta Neves, sabendo do meu intento, que a ninguem deixará de parecer muito justo, de combinação com um rico capitalista de Lisboa, tentou criminosamente afastar-me da praça.

Como não accedi, principiou a espalhar que havia de fazer com que os amigos d'elle (sic) annullassem a arrematação, e rapidamente suggestionou ao administrador da massa e curadores fiscaes o encerramento da mesma fabrica, o que desde logo foi levado a effecto, na persuasão de que, não havendo onde ultimar as fazendas, seria eu obrigado a abrir mãos da compra que havia feito. Enganou-se o miseravel, porque a fabrica do Safrujo tem-me servido com mais pontualidade do que a dos Esconhaes, e os outros industriaes tem encontrado n'aquelle e nas outras fabricas, senão o desenvolvimento que ali havia, pelo menos mais estima e consideração. Está averiguado que o maior prejuizo com o encerramento da fabrica dos Esconhaes é para os operarios e para a massa fallida de João Behianno. Eu mesmo offereci de renda liquida annual, só pelo machinismo de ultimações, um conto e oitocentos mil reis. Mas a proposta foi regeitada e a fabrica lá

se está dismantelando, sem proveito, de dia para dia.

Veremos a quem se ha de pedir essa responsabilidade.

Para mostrar mais uma vez ao publico qual o caracter? de Belzebuth e para prevenir o capitalista de quem agora diz que é amigo, e que ainda ha pouco lhe chamou ladrão, transcrevo uma carta que aquelle relaxado ha tempo me enviou:

«Meu Caro Manuel.—Recebi hoje a sua carta a que respondo. Por esta vez a tempestade vae passando e creio bem que não deixará grandes estragos. Esteja descansado e soeque os seus que tudo se ha de arranjar pelo melhor.

Merecem-me tanto cuidado os seus interesses como os meus e não aconselharei ao Manuel da Silva coisa que eu não pratique para mim. Nestes termos nós devemos assignar a concordata, como qualquer outro credor e mais tarde cuidaremos dos nossos interesses por outra forma.

Socsegue, pois. Confie em mim que eu se me aproximei do João foi porque vi que queriam esmagal-o no intuito do Sr. Ferreira fazer mão baixa na fabrica dos Esconhaes. Patifes que ainda d'esta vez não levam a melhor. O João escreve hoje a seu Exmo Pae pedindo-lhe para elle assignar a concordata e para esse fim vae o tabellião; o meu Am. dir-lhe-ha o que entender no sentido a que acima me refiro.

Sem tempo para mais creia-me sempre.—Cunhado Am. e Olg.—Lisboa, 27-8-1897.—José A. B. Neves.»

Leiam, admirem e digam me os leitores se ha intrigante igual ao Belzebuth.

Perseguido a familia adquiriu a monomania de a metter toda na cadeia! Ninguem se admire, pois, de pretender levar-me para lá. Ainda não ha muito tempo que esse bandido mostrou empenho de enclausurar um outro cunhado com quem então andava de relações cortadas, e nem se quer lhe proferia o nome—O sr. Gustavo Alves Bibiano, que acudiu em soccorro de seu irmão o sr. D. Behianno, que Belzebuth maltratava na sua propria casa.

Eis o documento para o comprovar:

«Meu Caro Amigo.—Sinto que não viesse hontem de Figueiró, além de tudo porque desejava fallar-lhe.

Acho que o meu visinho Gustavo ficava muito bem no tribunal se eu pedesse lá levá-lo pelos motivos de ter entrado violentamente em minha casa, de ter allegado na occasião e depois o falso pretexto de pretenderem matar o irmão (calumnia altamente monstruosa e offensiva) e o de ter dirigido phrasas offensivas a todos e especialmente a mim. O meu amigo e o Jacinho eram testemunhas e talvez o Albino. Se fór possível applicar a tal cidadão a devida correção pelo modo indicado, diga-me como hei de fazer a participação e ser parte. Não se demore por ahí; venha para cá que já nos faz falta a sua companhia. Aguardo a sua vinda ou a sua resposta e creia-me—Am. e Olg.—Castanheira de Pera, 22-7-1889.—Baeta Neves.»

Onde uma féra igual? Aonde um pultrão tão reles e ordinario?

Insulta-me na imprensa, e eu, não por elle, mas pelo publico e por mim, entendi do meu dever desaffrontar-me no mesmo campo. Quando lhe disseram que me ia defender veio affirmar, todo entonado, que não tinha medo do papão. E em seguida, titubante, como o cão que perdeu o dono, embasbacado em frente do terreno falso que pisava, quando viu que lhe faltavam os dentes com que pretendia morder-me na imprensa, recorreu, como o mais vil dos pultrões, ao auxilio do tribunal!! Declara torpemente que lá não lhe hei de levar a melhor, insinuando que tem nas mãos a justiça da comarca de Figueiró!!! Os integerrimos magistrados que estão administrando justiça em Figueiró dos Vinhos, que lhe agradeçam mais esta calumnia. Estou convencido que tambem elles terão occasião de mostrar que o Baeta Neves é um calumniador.

Sei bem que, por convenção legal, não me é dado provar lá, das arguições que lhe tenho feito, mais que os crimes de peculato, mas esses hei de proval-os, sem sombra de

duvida, como provaria a parte restante se por lei me fosse consentido.

Depois de me provocar na imprensa, vil e infamemente, elle o calumniador, quer para meus julgadores os tribunaes de justiça; eu, que me estou desaffrontando, quero, sobre tudo, para o julgar o tribunal da opinião publica, para quem escrevo, e onde posso dar prova cabal do que affirmo. E prefiro o tribunal da opinião publica, não porque eu não tenha o maximo respeito e confiança em a nossa magistratura, composta de homens superiores a paixões vis —classe limpa da corrupção que se vae alastrando e ameaça invadir, de uma maneira assustadora, todo o organismo social—mas porque n'esta pendencia, por uma incongruencia da lei, não é permitido aos tribunaes de justiça aceitar a prova das verdades que tenho escripto á cerca d'esse miseravel que dá pelo nome de Baeta Neves.

Baeta Neves é um medico muito mais criminoso do que o Urbino de Freitas. Este, se matou a familia, ao menos poupava-a ao extertor de uma agonia prolongada; o covarde Baeta Neves, prefere desfazer-se d'ella, submettendo-a lentamente a desgostos e torturas que são verdadeiras selvagerias!!!!

Não diga eu simples palavras, hei de proval-o com documentos. O sr. Visconde de Castanheira de Pera, esse benemerito cidadão, esse honradissimo homem (seja-me perdoado fallar assim de meu sogro), que na Castanheira é estimado e querido de todos, cuja maior desgraça é certamente ter como genro o malandro Baeta Neves, enviou-me ha pouco tempo a copia da carta que passo a transcrever, a qual, magoado e cheio de razão, foi obrigado a escrever áquelle desavergonhado.

Permitta se-me a franqueza de declarar que a mão, com que vou fazer essa transcrição, se retrahé pela commoção produzida pela leitura de tal documento:

«Doutor.—Recebi a sua carta de hontem e á mesma respondo. O Dr. sabe perfeitamente que eu sou incapaz de extraviar cinco reis de capital que se empregasse em lá; com referencia a ultimação tinha onde ultimar o que quizesse, sem ter precisão de empregado; não inventei compromissos com tecelões; já estava comprometido com os mesmos: não preciso inventar mentiras.

E' menos verdade eu ter pedido para Lisboa licença para tres tiare: eu pedi para seis; veja a minha carta que lhe escrevi, e a licença para seis me foi concedida. Tomou o Dr. como pretexto a minha pequena fabricação, mas os seus fins são outros: parece que o Dr. tem todo o empenho em acabar conmigo: ao receber o seu recado pelo meu filho Gustavo—que não me dava esclarecimentos nenhuns com referencia ao andamento dos negocios de minha casa, piorei immensamente dos incommodos que estou soffrendo.

A sua carta que hontem recebi, veio incommodar-me tanto, que decerto vem matar-me; é provavel que os seus desejos sejam cumpridos.

E' o Dr. um ingrato, mas um ingrato mau para quem tem sido um sincero amigo; já se esqueceu de dois contos e quinhentos mil reis que lhe emprestei... para acabar a sua formatura, o dinheiro para a construção das suas casas e muitas outras coisas; fui eu quem o propuz para a minha administração; agora o Dr. de posse, dá-me quatro pontapés e põe-me fora do que é meu.

Eu offereço a Deus o meu procedimento e pensamentos e offereço tambem a forma insultante com que me está tractando: Deus lhe dê a paga que merece.

..... Fevereiro de 1903.—

Visconde de Castanheira de Pera.»

Depois d'esta carta, que o proprio sogro dirigin ao medico militar Baeta Neves, o publico que aprecie e julgue este scelerado.

Pela minha parte quero quebrar, de enjoado, a penna com que até aqui tenho escripto uma chronica tão immunda.

Manuel Correia de Carvalho.

SUGESTÃO MENTAL

(Continuação)

No homem, o pensamento é d'al-guma fórmula moldado sobre as imagens e combinações d'imagens, que affectam n'elle as diferentes regiões do encephalo.

Ora, não é theoreticamente impossivel que o abalo ou commoção cerebral, causada pela formação das imagens sobre as quaes se apoia o pensamento e por aquellas que podem resultar pela repercução d'este mesmo pensamento, se communique a um meio ambiente tal como o ether, por exemplo. Ora se existem na natureza os abalos ou commoções etherias, que levam a luz a distancias incalculaveis, ondas herizianas que transmittem signaes convencionas da Europa á America, o que haverá de absurdo em suppôr uma variedade de ondas etherias capazes de transmittir d'um cerebro a outro o abalo da commoção produzido pelas imagens, de maneira, que as imagens transmittidas pelo primeiro cerebro se reproduzam no segundo?

Esta hypothese encontrará talvez sérias objecções, mas enfim ella poderá tambem vencer algumas difficuldades; porque ella não é absurda; e póde conceber-se que por um mechanismo que nos é occulto esta communicação se estabeleça mesmo a grande distancia entre hypnotisador e hypnotisado.

O Sr. Conde de Rochas cita um grande numero de factos e experiencias em que o pensamento e a vontade energicamente condensados mentalmente, mas sem indicio ou signal exterior, por diversas pessoas successivas, eram sempre comprehendidas e os actos praticados por certos *subjects* em estado de somno hypnotico. E' verdade que n'estas experiencias a distancia que separava os experimentadores dos *subjects* era nula ou insignificante: excepto, entretanto no caso do D. Dussard, que intimou um dia effcazmente á doente que elle tratava, ordem para adormecer, encontrando-se elle a 7 kilometros de distancia.

Porém a questão da distancia não é aqui o mais importante: o principal, o ponto culminante é o conhecimento do pensamento e da vontade d'outrem sem algum signal ou indicio exterior e pelo unico facto d'uma intenção energicamente concentrada, do autor do pensamento e da vontade proposta. A realisação d'estes phenomenos a distancias kilometricas, é um segundo caso extraordinario, mas que deve ser consequencia do primeiro.

Devemos frisar que as circumstancias em que estes factos tem sido demonstrados ou estas experiencias realizadas, excluem não sómente, toda a intenção proxima ou remota da parte dos operadores, de quaesquer invocações de espirito ou agente extra-natural, como tambem toda a sombra de impostura, farça ou comedia de que lançam mão, muitos dos que se entregam ás sciencias do espiritismo ou ocultismo. Em vez de vencermos a questão pelo facil apello ao sobrenatural, é mais prudente, aguardarmos os acontecimentos, até que os competentes proseguindo na benemerita tarefa das investigações scientificas, façam luz n'esta obscuridade.

Objectar-se-ha contra a comparação com as ondas hertzianas, osapparelhos relativamente complicados, inventados por Mr. Brauly e Mr. Marconi, e necessários para que a transmissão d'estas ondas se faça do poste transmissor ao poste receptor. Mas esta comparação não é dada a título de semelhança. Mas é invocada com esta significação sómente, que, visto, mediante certosapparelhos, se podem estabelecer a distancias mais ou menos grandes e sem o intermedio de fios conductores, communicações, em cuja possibilidade ninguem ha poucos annos acreditaria, da mesma fórma se pôde admitir que mediante certos concursos de circumstancias, ainda mal ou bem pouco conhecidas, communicações analogas possam ser estabelecidas d'um cerebro para outro.

E' uma simples analogia, não é uma semelhança. Mas ella basta para justificar a nossa duvida.

(Continúa).

Ribeira d'Algo—Fevereiro—1903.

P. B.

DECLARAÇÃO

Pelo immenso respeito que devo a um cavalheiro de Figueiró, que é precisamente aquelle que mais prezo na vida, deixo de publicar neste jornal os factos que constituem um bom punhado de grosseiras offensas que com minha familia recebi d'algumas pessoas, no Carnaval do corrente anno de 1903 e o local onde foram praticadas; e esta declaração faço-a, para dar uma satisfação ás pessoas a quem affirmei que taes factos iria publicar. Ficando pois com elles de reserva, atrevo-me ainda a pedir a estas pessoas que se dignaram apoiar a minha resolução, que não deixem de ter a mesma confiança na minha palavra que até hoje, pela circumstancia de não cumprir agora como prometti.

Devo comtudo advertir, que quem me pediu para me abster da publicação referida, não m'o pediria desde o momento em que podesse presumir que alguém pelo facto da minha abstenção, fosse ter em menos consideração um compromisso de minha palavra, e nem eu poderia acceder a tal pedido, presumindo tão desagradavel resultado.

Figueiró dos Vinhos,
26-2-903.

Achilles Lopes.

Passa hoje o anniversario natalicio do nosso amigo, sr. José Teixeira d'Araujo, a quem por tal facto sinceramente felicitamos, assim como sentimos o guardar ha dias o leito, devido ao seu costumado incommodo.

José Godinho d'Abreu

Este nosso assignante, que ha pouco regressou de S. Thomé, á sua localidade, em Bairrão, d'este concelho, retira brevemente para o Brazil. Desejamos-lhe feliz viagem.

Já está quasi restabelecido dos seus incommodos, o nosso presado amigo, sr. Achilles Eugenio d'Almeida Lopes, o que muito estimamos.

Acha-se gravemente enfermo, o sr. Francisco Simões Ladeira, não sendo todavia para desanimar o seu estado.

De regresso a Lisboa, passou no dia 25 n'esta villa, o sr. Sebastião Jacintho Henriques Coelho, commerciante n'aquella cidade.

SECÇÃO LITTERARIA

POBREZA!

Tudo era miseravel n'aquelle aposento.

As janellas, sem vidros, moviam-se ao impulso do vento, como protestando da sua audacia.

Um negro pote d'agua, uma cadeira desconjunctada, um velho colchão e uma pequena mala de lata amolgada, compunham o mobiliario de tão pobre habitação.

A um canto do quarto, uma mulher ainda joven, mas em cujo rosto se revelava a miseria e o desalento, costurava com febril excitação, dirigindo ternos olhares para o lugar onde se achava o colchão. N'elle distinguiam-se, apesar da obscuridade, dois pequenitos vultos, que dormiam tranquillamente.

Em um relógio da vizinhança bateu meia noite. Então, a mãe, elevando ao espaço seu triste olhar, exclamou:

—Quanto trabalho sem fructo!

No mesmo instante um dos meninos que dormia, despertou e disse:

—Mãã, eu quero pão.

O outro, que havia despertado á voz do seu irmão, exclamou:

—Tenho fome, mãã!

—Não choreis, meus filhos, que amanhã te eis pão, muito pão.

O maiorito das creanças, disse:

—Tu não nos amas, porque se não nos darias de comer.

A joven mãe não ponde conter os soluços que abruptamente lhe sahiam do peito e exclamou:

—Tendes razão; o meu dever é dar-vos de comer.

E presa da maior excitação, abandonou a infecta mansarda.

Pouco depois achava-se na rua.

O vento tinha cessado. Pequenos flocos de neve começaram cahindo e, passados instantes, a nevada era geral.

O empedrado das ruas estava sensivelmente branqueado por ella.

Angela, que assim se chamava a joven mãe, dirigiu-se ao Theatro Real, porque d'ahi começaram a sahir os espectadores.

Tinha terminado o espectáculo.

A faminta estendeu a mão ao primeiro transeunte, e cerrou os olhos como envergonhada de si mesma.

O transeunte passou e logo outro e outro, sem que Angela recebesse uma só moeda.

Naturalmente, estava a noite tão fria e nevada com tanta intensidade, que a pobre martyr parecia transformada em uma estatua egypcia, de brancura marmorea.

Po fim a joven cahiu de joelhos, e um policia que de si se acercou lhe disse:

—Levanta-te, folgezã, que não é este o lugar para se dormir a sésta.

Angela não ponde articular mais que:

—«Uma esmola para meus filhos.»

O policia ausentou-se. Voltando, novamente, com um pão, murmurou-lhe ao dar-lh'o:

—Toma, mas vae-te de prompto, porque de contrario prendo-te.

Angela levantou-se, fazendo um esforço sobrehumano, e atacada de uma febre violenta dirigiu-se a casa.

Ao chegar alli encontrou os filhos nus chorando amargamente.

Acercando-se d'elles, lacrimosa, disse-lhes:

—Tomai, filhos meus; comei-o todo... Comei-o. E' d'um pobre como nós; os ricos não dão...»

E cahiu no sobrado, desmaiada, de cansaço e fome.

Tradução.—Figueira da Foz.

Assumpção Martinho.

De passagem de Pedrogam para o Porto, aonde é conceituado commerciante, esteve n'esta villa no dia 23, o nosso presado amigo e assignante, sr. José Jacintho Coelho.

O AGOIREIRO

Assim que a noite estende o negro manto,
Vem poisar-se nas oliveiras do meu quintal
Orendo agoireiro: malfadado pito;
Soltando seu canto o roufeiro grito!
Qual estrige noturna no cypreste f'ral.

Diz o vulgo que o fonesto maldizente
E' da morte e da desgraça mensageiro!...
Que almeja com o seu monotonio canto:—
Tudo quanto ha de mau, martyrio e pranto!
Tudo quanto ha de atro e agoireiro!...

E nas noites tenebrosas em que o vento
Por entr'as ramadas sopra enfurecido...
E' medonho ouvir o tal roufeiro pito!—
Predizendo o futuro muito afflicto!
Agoirando desgraças com o seu gomido!

Ai! quem podesse mudar o teu paradeiro
Para um lugar triste e bem solitario?!
Quem antes podesse mudar o teu destino?!
Pregoeiro infame, triste libertino!
Quem antes podesse mudar o teu fadario?!

Sendo assim!—quem pôde quebrar tua sina?!
Quem pôde mudar-te do meu triste quintal?!
E' o fado teu, é o teu cruel destino!
Pregoeiro infame, triste libertino!
Ignoto feiticeiro e sonhador do mal!

J. L. Campos.

Vindos de Lisboa, aonde passaram os ultimos dias de carnaval, estiveram n'esta villa, o nosso presado amigo e assignante, sr. João Luiz Sobreiro e seu filho, Antonio Luiz Sobreiro, de Villar Secco (Neillas).

Plantas commerciaes

Na opinião d'um illustre collega americano, o *Scientific American*, é de 4:200 o numero das especies de plantas cultivadas na Europa para usos commerciaes; 420 tem cheiro agradável, e são aproveitadas para a fabricação d'aromas ou de sabões.

As flores brancas, formam o maior numero: 1:124, sendo 187 d'um cheiro agradável; vem em seguida as flores amarellas 951, sendo 77 perfumadas; as flores vermelhas 823, sendo 84 perfumadas, as flores azues, 594, sendo 34 perfumadas, e as flores violetas, 308, sendo 13 odoríferas. Não é curiosa esta estatistica? Os que pouco se importam com estas coisas, que é, sem duvida alguma, o maior numero, dirão: gabamos lhe a paciencia. Phrase bastante expressiva, da velhice d'um povo.

Basofias

Batem-se seis claras d'ovo até ficarem em espuma. Em seguida põe-se ao lume um tacho com agua a ferver; com uma colher, das de sopa, tira-se uma porção de claras que se deitam na agua a ferver, e se deixam ali permanecer algum tempo a coser, voltando-se de um lado e d'outro; em estando cosidas tiram-se e põem-se a escorrer em cima de uma peneira.

Obtidas as basofias, trata-se de preparar a calda que é o melhor de tudo. Ha quem a faça só iervendo leite com assucar, mas a melhor é a feita em creme de chocolate raspado e levado ao lume até ferver.

Em o chocolate estando dissolvido adiciona-se ao todo assucar refinado, á vontade do preparador, que, de per si graduará o gran de doçura desejado. Em tudo estando bem reunido tira-se o tacho do lume e deita-se-lhe, mexendo sem cessar, seis gemas d'ovo batidas. E' necessario mexer uns dez minutos para que os ovos fiquem ligados ao creme sem haver necessidade d'elle voltar ao fogo.

Quem não quizer o creme de chocolate pôde substituir o chocolate por farinha de trigo ou maisena, na quantidade precisa para ficar em liquido espesso.

Obtido o creme, deita-se em uma travessa e dispõe-se sobre elle as basofias de claras, polvilha-se tudo com canella e serve-se.

RECETAS UTEIS

Contra a insomniã

A insomniã pôde dizer-se que é um grande supplicio que persegue a humanidade, sendo os remedios conhecidos quasi todos impotentes para a debellar. Eis porém, um remedio que recommenda o dr. Huxley na *Medical Press*.

Quando os que soffrem de insomnias presentirem uma noite sem somno, devem limitar a entrada do ar nos pulmões e a do oxigenio no sangue, cobrindo a cabeça com a roupa da cama de modo a respirar apenas o ar assim limitado.

Receita para o defluxo

E' simples a receita, e diz o dr. Ferrier, no jornal de medicina inglez *Lancet*, que é infallivel. Consiste em tomar pitadas d'uma mistura composta de 3 partes de subnitrate de bismutho, 1 parte de pó d'acacia e alguns centigrammas de morphina.

EM FAMILIA

Charada combinada

1. ^a	+	ga	=	ave
2. ^a	+	la	=	ave
3. ^a	+	go	=	ignorante
4. ^a	+	to	=	quadrupede

Vasilha.

Treples.

Novissima

Este fructo suspende a ave=2-1.

Treples.

Addicionada

Nome—2

=ti=

utensilio—3

Treples.

Decifrações do numero 285:

Charadas novissimas—Mormo, Aromatico.

Charadas addicionadas—Pereira, Confeito.

ANNUNCIOS

TRESPASSA-SE

Uma loja com pateo e cavallariça n'esta villa á beira da estrada da Castanheira de Pera. N'esta redacção se diz.

EMPRESTA-SE

Dinheiro a juro em qualquer quantidade, dando boa garantia, até um conto de reis.

Quem pretender, dirija-se á administração d'este jornal, aonde se indica com quem pôde tratar.

CARLOS LIBORIO

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

*Estabelecimento de mercearia,
Ferragens, Quinquelharias
e outros artigos*

N'esta casa encontra o publico generos da melhor qualidade, pelos mais resumidos preços.

O seu proprietario encarrega-se de mandar vir quaesquer objectos que não sejam do ramo do seu estabelecimento, sendo-lhe encommendados.

Vende camas de ferro pelos preços das fabricas, ficado por um preço que nenhum outro estabelecimento faz.

POMADA contra herpes, empigens ou tinha, ecsemas indolentes escrophulas em qualquer estado, tumores cancerosos e feridas antigas e as derivadas da syphilis.

Cura garantida

E' com a pomada Glycerado da formula do D.^r Curvo, de 1695, que se effectuam estas maravilhosas curas.

Deposito em Coimbra, em casa de Antonio Fernandes—Rua do Corvo. Remette-se pelo correio.

Preço 400 reis.**Madeira de castanho**

Em todos os tamanhos—já para edificação, já para vazilhame—tem para vender o proprietario Joaquim d'Araujo Lacerda, d'esta Villa.

V LA VILLE DE PARIS

EM

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

PARA FUNERAES

Deposito de corôas, fitas e letras d'esta importante fabrica do Porto. Preços os mesmos do Porto e Lisboa. Tambem se recebem encommendas para flôres artificiaes.

Pedidos a—**José Miguel Fernandes David**—*Figueiró dos Vinhos.*

CASA VAULTIER

62—CAES DO TOJO—64

LISBOA

Depositaria da casa

G. Klene,

DE

BARCELONA

Fabrica todos os artigos de borrecha, em todos os generos a feitos. Amiantor em corda e

folha. Correamo em couro. Balata, pello de camello, algodão e contechou. Oleos mineraes e muitos outros artigos para estabelecimentos fabris.

BERNARDINO DE FREITAS

com

Officina de Canteiro

CORREIO DOS CABAÇOS

—CORTIÇA—

Fornece cantarias com ornatos ou sem elles, á vontade do freguez.

Jazigos, por planta á vista, fornecida por elle ou pelo freguez, por preços convencioneados, mas sem competencia.

Grande novidade americana

Uma machina de costura por 3\$500 reis em Lisboa, e 3\$700 reis em qualquer ponto do paiz!

AGENTE GERAL

Rua do Crucifixo, 87, 1.º—LISBOA

N'esta villa encarrega-se de satisfazer qualquer encommenda, e presta as instrucções necessarias para trabalhar com a referida machina, o proprietario d'este jornal, que já possui um d'estes uteis objectos.

Almanach das Aldeias para 1903

Publicado por Julio Gama—
Collaborado pelos redactores da
GAZETA DAS ALDEIAS

Este almanach, único no seu genero que se publica em Portugal, é um precioso guia agricola illustrado, contendo numerosos artigos sobre varios assumptos, e todas as indicações proprias de livros d'esta ordem.

Nenhum lavrador deve dispensar o
ALMANACH DAS ALDEIAS.

1 volume de 160 paginas, illustrado, 150 reis.

E' remettido, franco de porte, em todo o reino, a quem dirigir o pedido. **ACOMPANHADO DA RESPECTIVA IMPORTANCIA**, á administração da *Gazeta das Aldeias*, rua do Costa Cabral, 1216—Porto.

ALFREDO GALLIS

SAPHICAS

VII da Tuberculose Social

Um volume 500 reis

E' este o titulo do VII volume da serie **TUBERCULOSE SOCIAL**, e bem tuberculose se póde moralmente considerar essa repulsiva união de dois seres do mesmo sexo, que, se nos homens é uma vergonha aberrativa condemnada pelos moralistas e philosophos de todos os tempos, incluindo a propria obra de Deus no

arrasamento de Sodoma e Ghomorra, entre as mulheres constitue uma das mais terriveis lepras que devora a sociedade e a constituição honesta da familia.

N'este livro o exemplo é frisante, e põe de sobreaviso todos os paes e mães, que a pessoas estranhas não devem confiar a guarda de suas filhas.

- I—*Os Chibos*, 1 vol. 500 reis.
II—*Os predessnados*, 1 vol. 500.
III—*Mulheres Perdidas*, 1 vol. 500.
IV—*Decadentes*, 1 vol. 500.
V—*Malucos*, 1 vol. 500.
VI—*Os Politicos*, 1 vol. 500 reis.

LIVRARIA CENTRA de *Gomes de Carvalho*, Editor. Rua da Prata, 158, 460—LISBOA.

ABC DO POVO

PARA APRENDER A LER

por

TRINDADE COELHO

COM DESENHOS DE

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
Oitenta paginas luxuosamente illustradas
Preço de cada exemplar, 50 reis
Pelo correio, 60 reis

Cartilha do Povo

Nova edição auctorizada pelo auctor

Preço de cada exemplar, 20 reis
Pelo correio: 25 reis

A' venda na casa editora—*Livraria Aillaud*—Rua do Ouro, 242, 1.º—Lisboa—e em todas as livrarias.

ARITHMETICA PRATICA

«**A Pequena Bibliotheca do Telegraphista**» de que é auctor o habil leccionista do curso das escolas elementares de telegraphia e alumno do curso de telegraphos, **ADELINO LOPES CARREIRA**, que em pequenos volumes escriptos em linguagem accessivel mesmo aos menos instruidos, que tratará de todas as materias dos novos programmas das *escolas praticas de telegraphia*, exames previos e concursos dos quadros dos correios, e telegrapho-postal, desde aspirante auxiliar até 1.º official, inicia a sua publicação com a

ARITHMETICA PRATICA

Esta *Arithmetica*, verdadeiramente pratica que o seu auctor escreveu de forma **a poder ser estudada sem mestre**, a unica que em portuguez segue tal orientação, pelo que se torna muito util aos membros das classes **telegrapho-postal, commercial** e a todos que pretendam adquirir tão uteis conhecimentos, e bem assim aos alumnos de quaesquer escolas.

Podem desde já satisfazer-se quaesquer assignaturas a fasciculos de 32 paginas, semanalmente ou quinzenalmente, conforme a indicação dos assignantes.

Está já impresso o 2.º fasciculo e em breve o estará toda a obra para enviar-se d'uma só vez, a quem a requisite.

São já bastante avultadas as encommendas d'este livro, para diversos collegios da capital, cujos directores teem d'ella conhecimento.

O seu preço não excederá a 1\$000 reis e a assignatura a fasciculos de 32 paginas (formato 14×22), typo minde, é de 120 reis.

Os individuos que angariarem mais de 2 assignaturas, teem a commissão de 25 por cento.

Os pedidos podem desde já ser feitos ao editor—**FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR—Figueiró dos Vinhos**, e ao seu auctor, em Lisboa, rua da Boa Vista, n.º 120—2.º andar.

A seguir publicar-se-hão os volumes de—*Geographia, Geometria, Algebra, Physica, Mechanica, Chimica, Electrotechnia* e outros.

Recebem-se já assignaturas para quaesquer d'estas obras, para as quaes se não póde ainda fixar preço.

AOS VINHATEIROS PORTUGUEZES

Todos os vinhateiros, mesmo os mais experientes na fabricação dos vinhos, devem adquirir o

Tratado Prático de Vinificação

que acaba de ser posto á venda nas principaes livrarias do reino; porque esse livro, escripto pelo eminente agrónomo

M RODRIGUES DE MORAES

trata com a maior precisão e clareza de todas as operações vinarias, desde a vindima, até o concerto e melhoramento dos diversos vinhos, e aproveitamento dos resíduos da vinificação, e ensina a prevenir e tratar os defeitos e doenças dos vinhos. É uma obra eminentemente pratica, profusamente illustrada com gravuras ilucidativas, constituindo

o guia mais completo do fabricante de vinhos,

que até hoje se tem publicado em portuguez,

abrangendo todas as matérias respeitantes a esta industria agricola e dando conta dos mais recentes estudos.

E um volume de 300 paginas, com extenso texto, 73 gravuras e o retrato do insigne professor Ferreira Lapa.

Preço em brochura 700 reisPedidos á **LIVRARIA MOREIRA**

42, Praça de D. Pedro, 44—PORTO.